

O VER E O OLHAR: A FOTOGRAFIA COMO PROPULSORA DE REFLEXÕES ACERCA DA PRODUÇÃO DE IMAGENS

GUILHERME SUSIN SIRTOLI¹; CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar e discutir sobre atividades realizadas em diferentes escolas nas cidades de Pelotas e Rio Grande, que integram as ações do projeto de extensão “PhotoGraphein vai à Escola” (CA/UFPel). O referido projeto, desde 2012, tem como objetivo o de proporcionar aos escolares a construção de conhecimentos no campo de Artes Visuais, tendo como tema propulsor a fotografia, utilizando-a como recurso amplificador do olhar sensível e crítico sobre o cotidiano. Tal projeto se insere no âmbito das ações de extensão do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação(UFPel/CNPq), levando para a realidade escolar o resultado de pesquisas desenvolvidas no Núcleo, e propiciando a aproximação dos docentes em formação do contexto escolar.

Desde os primórdios da construção da câmara escura foram necessários séculos para que alguém descobrisse como fixar a imagem que a mesma produzia. Foram cerca de meia década de estudos para que Louis Jacques Daguerre e Joseph Nicéphore Niepce, em meados do século XIX, paralelamente, fizessem a incrível descoberta da fixação da imagem sobre uma superfície sensível e a patenteassem (BENJAMIN, 1994). A invenção fotográfica já era esperada, e desde o momento da sua criação foi vista como uma representação fiel da realidade.

Após o advento da fixação, o daguerreotipo acabou se popularizando para as classes menos abastadas, que não possuíam recursos para pagar por retratos a óleo. “As classes sociais às quais o retrato privado permanece inacessível, devido ao seu preço, aderem muito rapidamente ao daguerreotipo” (AMAR, 2018, p.45). Com o passar dos anos, a fotografia se transformou em uma técnica cujas práticas foram democratizadas, graças às novas tecnologias e seus equipamentos de baixo custo. O conceito de imagem foi se aprimorando, e diferentemente da pintura e do desenho que podem ou não ser representativos do real, a fotografia é um vestígio da própria realidade (SONTAG, 2013). Sendo assim, as interpretações acerca da imagem fotográfica são muito mais abrangentes e nos mostram que a fotografia é um registro de uma situação real sob o ponto de vista do fotógrafo, portanto, subjetivo.

2. METODOLOGIA

Durante o segundo semestre de 2017, foi desenvolvida uma atividade acerca da fotografia e o sentido da visão para trabalhar com turmas de 5º e 6º anos em duas escolas: a EMEF Joaquim Nabuco, em Pelotas e a EMEF Peixoto Primo, em Rio Grande – RS. A atividade teve como objetivo refletir criticamente sobre o sentido da visão e a produção de imagens fotográficas na contemporaneidade.

Vivemos tempos nos quais somos acometidos diariamente por uma enxurrada de imagens, sejam fotográficas ou não. Desde muito jovens, os escolares são estimulados pela mídia e pela internet a conviverem com bilhões de imagens, e a “A ideia não é desestimular a criança, já estimulada pela mídia, mas fazê-la refletir sobre a imagem” (BARBOSA, 1975, p. 92). Tal problematização é extremamente necessária, pois sem a reflexão crítica, a produção e a leitura de imagens acabam sendo banalizadas.

A atividade se desenvolveu alternando encontros expositivo-dialogados e práticas. No primeiro encontro, iniciou-se uma discussão acerca das diferenças entre o ver e o olhar, a partir do exemplo do fotógrafo cego Evgen Bavcar e sua participação no documentário “Janela da Alma” (2002). O senso comum acaba por banalizar os significados, tanto do ver quanto do olhar, acreditando que os mesmos são idênticos. Existe uma grande diferença, enquanto o ver é imediato, o olhar nos cobra uma lentidão, uma reflexão. Segundo Márcia Tiburi (2018, p.1)

:

Ver está implicado ao sentido físico da visão. Costumamos, todavia, usar a expressão olhar para afirmar outra complexidade do ver. Quando chamo alguém para olhar algo espero dele uma atenção estética, demorada e contemplativa, enquanto ao esperar que alguém veja algo, a expectativa se dirige à visualização, ainda que curiosa, sem que se espere dele o aspecto contemplativo. Ver é reto, olhar é sinuoso. Ver é sintético, olhar é analítico. Ver é imediato, olhar é mediado. A imediaticidade do ver torna-o um evento objetivo. Vê-se um fantasma, mas não se olha um fantasma. Vemos televisão, enquanto olhamos uma paisagem, uma pintura.

Após tal discussão e problematização, os alunos foram direcionados para o pátio para a parte prática da atividade (Figura 1). Os escolares foram divididos em duplas, na qual ambos eram vendados. Enquanto um escolar ficava com a câmera, o outro percorria o espaço e por meio do uso dos outros sentidos (audição, tato), exceto o da visão, com o objetivo de se encontrarem para capturar uma imagem fotográfica. A atividade promoveu uma aprendizagem significativa em grupo, evidenciada nos resultados dos escolares.



Figura 1: **Guilherme Susin Sirtoli**. Alunos da EMEF Joaquim Nabuco. Fotografia, 2017.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O segundo encontro nas escolas teve como objetivo discutir sobre os resultados dos alunos e da atividade em si. Para isso, foi proposta uma conversa entre os escolares a partir das imagens impressas produzidas no encontro anterior, encaminhando a realização de um trabalho coletivo englobando todas as produções fotográficas dos alunos (Figura 2).

Os alunos demonstraram um entendimento sobre as questões relativas ao ver e ao olhar e decidiram criar coletivamente um trabalho que evidenciasse as diferenças. Segundo uma aluna da EMEF Joaquim Nabuco: “Tirar uma fotografia com os olhos vendados foi uma experiência bastante diferente, consegui perceber a dificuldade em não usar a visão para fotografar e pude pensar melhor sobre as fotos que faço”.

Tal constatação nos aproxima de Rubem Alves e sua ideia sobre a Educação do Olhar:

As palavras só tem sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos. Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo e o mundo aparece refletido dentro da gente (ALVES, 2018, s/p).



Figura 2: Guilherme Susin Sirtoli. Resultado dos alunos da EMEF Joaquim Nabuco. Fotografia. 2017.

4. CONCLUSÕES

O andamento das atividades e seus resultados indicam que os escolares ampliaram o entendimento sobre como a sociedade se relaciona com as imagens que produz, não somente as fotográficas, sejam as divulgadas pela internet, sejam as que acessamos através das propagandas comerciais, através das diferentes mídias.

As percepções de cada um foram ampliadas e saíram do senso comum, bem como puderam perceber que mesmo um deficiente visual pode produzir e refletir sobre as imagens. Os alunos puderam exercitar os outros sentidos e

diferenciar a visão, como uma função meramente fisiológica, do olhar apurado e sensível para com as imagens e o mundo que as rodeia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAR, Pierre Jean. **História da Fotografia**. Lisboa: Edições 70. 2018

ALVES, Rubem. **SEM A EDUCAÇÃO DAS SENSIBILIDADES, TODAS AS HABILIDADES SÃO TOLAS E SEM SENTIDO**. Artigo. Revista Pazes, agosto 21, 2018. Disponível em: <https://www.revistapazes.com/educacao-sensibilidades-rubem-alves/>

BARBOSA, Ana Mae Bastos. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Editora Cultrix. 1975.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JANELA DA ALMA. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Produção de Flávio R. Tambellini. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 2002. 1 DVD (73min), son., color.

MARCIA TIBURI. Site Online. 2018. Disponível em: <<http://www.marcatiburi.com.br/textos/aprender.htm>> Acesso em: 24/08/2018.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.